

A IGREJA DOMÉSTICA

Índice

Apresentação, Agradecimento e Nota	03
Introdução	04
O Sentido de Casa na Bíblia	06
A Vida na Igreja Doméstica	07
A Igreja Doméstica como Base Operacional das Missões	10
Expansão da Igreja Doméstica na Localidade	11
A Transformação da Igreja Doméstica	12
A Institucionalização da Igreja	12
A Associação das Instituições: Igreja e Estado	13
A Espiritualidade No Deserto	13
Conclusão	14
Análise Final	16
Nossa Atitude	17
Referência Bibliográfica	18

Apresentação

A intenção desta pesquisa é a busca da igreja que está no coração de Deus. Não se trata apenas de uma pesquisa acadêmica, mas também do desejo forte de viver esta proposta e encorajar outros a estarem no mesmo caminho. Aquele trilhado pelos primeiros cristãos. Essa igreja é a única viável nestes dias. Ela não pode buscar a diferença com o mundo apenas nos usos e costumes, antes de tudo, precisa pensar e ver diferente do mundo. Uma igreja não conformada com este mundo, mas com entendimento renovado para experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Agradecimento

A todos que pacientemente me tem ouvido nestes últimos dias e oferecido um diálogo enriquecedor, tornando este tema inesgotável. Destaco o pessoal do Engenho Novo que colaborou para a elaboração deste texto, dando-me com compreensão, a disciplina necessária à sua produção. Não vou me esquecer destas noites de terças feiras.

À Heloisa Helena Vasquez que colaborou com a revisão e correção

Em especial à minha família – Clélia, Débora, Cristina e Pedro Daniel que, acima de tudo, tem proporcionado a experiência da caminhada de uma igreja embrionária.

Nota

Este trabalho não tem a pretensão de ser um produto final sobre o assunto. Tem sim a intenção de lançar a semente de despertar para a busca da restauração da verdadeira Igreja. Também pode ser comparado com a buzina a chamar o povo à batalha. Antes de uma teoria, pretende servir para a prática diária.

Por Pedro Arruda

Agosto/02

Introdução

Os últimos versículos do Velho Testamento falam sobre a vinda de Elias para converter o coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais. A vinda de Elias é precedente a de Jesus. Quando Jesus é indagado da necessidade de Elias vir antes, ele explica que Elias já tinha vindo e que não tinha sido reconhecido. Nisto souberam que falava de João Batista. Assim vemos que o que de fato deve preceder Jesus é um ministério profético. Ambos, Elias e João Batista possuíam um ministério profético semelhante. Entre essas semelhanças está o fato de ambos os profetas não terem escrito nada, mas tinham o anúncio da palavra de Deus. Este ministério profético foi precursor da vinda de Jesus. Assim também será quando da volta de Jesus, pois haverá um ministério profético atuando sobre a terra, preparando a sua chegada.

Este ministério profético, de acordo com Malaquias (Ml.4:5-6), irá proporcionar a conversão dos pais aos filhos e dos filhos aos pais. O cumprimento desta profecia poderá se dar em três níveis:

- a) No ambiente doméstico, através da reconciliação de pais e filhos naturais. Será uma vitória sobre o proclamado “conflito de gerações”
- b) No segundo aspecto esta profecia aplica-se à igreja. Todas as denominações, quase sem exceção, nasceram de uma discórdia. Assim, uma denominação é filha de outra, cujo rompimento não estava nos planos de Deus. Cada vez que houve uma divisão, essa caracterizou uma oposição à oração de Jesus de João 17 “Para que todos sejam um, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste...”. Assim, é necessária uma reconciliação entre as denominações filiais para serem dados passos na direção da unidade da Igreja. A falta de unidade e as conseqüentes divisões têm estado presente cada vez mais fortemente na Igreja. O primeiro cisma demorou cerca de 200 anos para ser concluído e só ocorreu após o primeiro milênio da Igreja, quando esta se dividiu, por motivos políticos, à semelhança da divisão do império romano entre Ocidente – Roma e o Oriente – Constantinopla. Quinhentos anos depois várias divisões se sucederam com a chegada da Reforma. Nesta etapa não surgiu apenas uma Igreja, mas várias delas, todas, porém com apoio político dos impérios existentes e interessados em se libertar do jugo romano.

Posteriormente, as divisões continuaram a se suceder por outras razões, especialmente, por questões sociais. Exemplo disto é a conquista dos EUA, cuja igreja da fronteira em expansão era mais fervorosa do que as Igrejas ricas dos centros já conquistados. Importante notar também a divisão racial da Igreja, nos EUA, motivada pela escravidão. Depois de concluírem que os negros também tinham alma, os brancos decidiram pregar-lhes o evangelho, porém de maneira segregada, pois não se lhes anunciava toda a verdade, apenas o básico para a salvação da alma. Os brancos temiam as conseqüências dos escravos conhecerem toda a verdade do evangelho e se rebelarem contra a escravatura.

Motivos não faltam para que haja uma reconciliação eclesiástica entre os pais e filhos espirituais.

- c) No terceiro aspecto situa-se a conversão de Israel ao Messias verdadeiro que é adorado pela Igreja. Para que isso aconteça é necessário primeiro que a Igreja seja uma e mostre um único Messias para os judeus. Quando faltar o apoio dos homens a Israel, este reconhecerá que há outro povo sofrendo, também, perseguições por causa do verdadeiro Deus. Então, poderão clamar ao Deus dos cristãos e serem prontamente atendidos por Ele. Se a salvação vem dos Judeus, logo eles são os pais da Igreja. Se o verdadeiro Messias está na Igreja, que é o seu corpo, eles, como pais, deverão se converter ao filho. Também é verdade que o filho – Igreja igualmente deverá se converter ao pai – Israel. Logicamente que não se trata de uma conversão individual, que cabe se inserir em qualquer denominação. Esta conversão aqui referida é uma conversão nacional do povo judeu.

Para ressaltar isso sempre é importante lembrar que a Igreja não substitui Israel, nem mesmo quando se deseja uma nação convertida servindo a Deus. O Plano Nacional cabe a Israel e o Universal à Igreja. Como exemplo dessa usurpação podemos citar a colonização da África do Sul pelos europeus, que queriam construir ali terra prometida e, em nome disso escravizaram e humilharam os negros com o regime de segregação racial – apartheid. Mesmo se tratando dos EUA, sabemos que este país exportou muita coisa importante para o mundo, principalmente no que se refere ao missionarismo. Lamentável, porém, que esta mesma nação cristã também tenha oprimido outras e exportado muitas coisas negativas, como por exemplo, a pornografia. Definitivamente nenhuma nação cristã pode se arrogar ao messianismo e usurpar o lugar de Israel. De acordo com Romanos 11, Deus não mudou de propósito quanto ao seu povo. Este será salvo.

Resumindo, o arrependimento profetizado por Malaquias se dá em três níveis: O doméstico, o eclesiástico e o judaico. Deve ser nessa seqüência, pois, um fator é pré-requisito ao outro e, assim como foi o ministério de João Batista, precursor, assim também este ministério profético preparará o ambiente para a volta de Jesus. Este é o objeto de nosso estudo e permeará todo o desenvolvimento do mesmo.

Em 1932 foi descoberto o edifício da primeira igreja cristã na antiga guarnição romana de Dura Europos, atual fronteira oriental da Síria. Era basicamente uma casa particular usada como igreja, datada do século III e, portanto, bem posterior ao período neotestamentário. No período referido pelo Novo testamento não havia ainda os templos e as basílicas, que passaram a ser construídas a partir do século IV, em 314, quando surge a primeira basílica. Portanto, os escritos de Paulo tornam-se mais compreensíveis se vistos do ponto de vista da família.

O Sentido De Casa Na Bíblia

A expressão “casa” na Bíblia é muito comum e tem um conceito muito amplo. Vejamos. Quando a Bíblia se refere à casa de Davi, alcança também as gerações futuras. Quando se trata da casa de Abraão, inclui todo o seu rebanho, pastores e a localidade onde estão instalados. Quando Josué afirmou que ele e sua casa serviriam ao Senhor, não possuía uma residência convencional como conhecemos hoje. No máximo, uma tenda que o abrigava com sua família e todos os demais pertences com os quais se instalou na sua porção da terra prometida. Já no Novo Testamento, vemos a declaração de Paulo ao carcereiro de Filipos: “crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa”. Vemos também que a casa de Cornélio recebeu Pedro com seus amigos e parentes e, logicamente, seus servos e soldados a seu serviço.

Assim, a expressão “casa” incluía toda a família e as posses de seu titular, bem como as pessoas sobre as quais tinha influência. Isso equivale, aos nossos dias, às pessoas da família que residem sob o mesmo teto que nós, outras com as quais se convive, como subordinados, empregados e, outras sobre as quais se exerce liderança.

Jesus usou, por diversas vezes, as casas para o seu ministério. Como exemplo podemos citar o aleijado que foi descido pelos amigos através do telhado, por não terem acesso por caminho convencional a Jesus. A Zaqueu, ele se convidou para uma refeição e proferiu um dos mais conhecidos ensinamentos: o novo nascimento. Visitou Pedro e curou a sua sogra. Hospedou-se, inúmeras vezes, na casa de amigos em Betânia, especialmente na última semana e lá ressuscitou Lázaro, ensinou sobre os cuidados da vida à Marta, recebeu a unção de Maria. Jesus usou as casas, as margens dos lagos e as montanhas em proporção muito maior que o templo e as sinagogas. Enviou os seus discípulos em missão, orientado-os a se hospedarem em casas que os recebessem. Finalmente desejou tomar a última ceia numa casa com seus amigos. Não usou um lugar sacro, mas sacralizou os lugares seculares.

Foi nesse lastro que igreja nasceu e prosseguiu a sua missão. No dia de Pentecostes estavam no mesmo lugar, no cenáculo, em oração. Depois, vemos os convertidos partindo o pão de casa em casa e perseverando em oração. Outrossim, vemos também que os gentios também receberam o Evangelho em casa, como aconteceu com Cornélio. O próprio Paulo iniciou seu projeto missionário a partir das sinagogas e, frustrado, passou a usar as casas.

Foi nas casas que nasceram as primeiras igrejas e se tornaram base operacional das missões.

“A Igreja que se reúne na casa deles...” Esta expressão, ou equivalente, é reiteradamente repetida por Paulo (I Cor. 16:19; Rm. 16:3-5; Fl.4:22; Cl. 4:15). Pedro também sugere isso em sua primeira epistola e ainda Lucas registra que os “do caminho” partiam o pão em casa (At.2:46; 5:42). As Igrejas domésticas eram assembléias de cristãos, que eram formadas dentro e ao redor de famílias

particulares. As habitações formavam um ambiente para a igreja doméstica e, também, para a reunião da igreja local que era a reunião das igrejas domésticas de uma determinada localidade. As residências particulares garantiam privacidade, intimidade e estabilidade para os cristãos primitivos. Assim, no primeiro século a habitação particular moldou a vida da comunidade cristã, fornecendo ambiente de relacionamento, provisão das necessidades e estrutura missionária. Na parte superior de cada residência, especificamente na “sala de jantar”, havia o ambiente que proporcionava a mais antiga auto-identificação dos cristãos, à semelhança da escolha de Jesus por um “cenáculo” para a última ceia, dispensado assim um “lugar sagrado” e insistindo num ambiente de relacionamento familiar.

A Vida Na Igreja Doméstica

Em Gênesis 12:3, Deus inclui na promessa a Abraão: “... em ti serão benditas todas as famílias da terra...” Como isso só seria possível após a vinda do Espírito Santo, Deus estava, logicamente apontado para a Igreja. Ao se referir à família para Abraão, estava recolocando a história em seus trilhos. Senão vejamos: Ao criar Adão, Deus estava criando a família, pois Eva já estava dentro de Adão e também todo o potencial genético de reprodução para “encher a terra”. Depois em Gênesis 6, assistimos a o surgimento de um oásis, quando no seu discurso de queixa abre-se um parêntese para dizer que encontrou graça em Noé. É através da família de Noé que a terra deverá ser repovoada, reiterando a ordem dada a Adão: “enchei a terra”. Vemos também a benção à casa e família de Davi, quando no início do Novo Testamento se faz menção a Jesus, o Filho de Davi.

É com a benção de Abraão que a Igreja irá encher a terra e o caminho para se fazer isso é através da família. A família tem sua origem em Deus. (Ef. 3:15) É plano dele constituir uma grande família, sendo Jesus o primogênito entre os mortos.

Para melhor se compreender o período do nascimento e da expansão da Igreja, deve-se considerar que dois fatores tornavam aquele mundo homogêneo, numa espécie de globalização da época: O domínio militar e político de Roma e a cultura grega. Já era costume daquela sociedade promover reuniões caseiras com diversas finalidades, tais como religiosa, cultural, comercial, etc. Os cultos domésticos pagãos eram naturalmente assumidos pelo chefe da família. Nas reuniões culturais, o anfitrião recebia os intelectuais – filósofos, para debaterem as questões pertinentes. Nestes casos, o anfitrião servia também de patrono e até recebia homenagens como a inclusão de seu nome no da associação. As reuniões comerciais juntavam pessoas de mesmo interesse profissional. Com o decorrer do tempo tais associações foram adquirindo autonomia de vida e passaram a funcionar em dependências próprias e não mais nas casas. As religiosas construíram seus templos, as culturais suas escolas e as comerciais seus sindicatos, etc.

Desta forma vemos que não foi novidade para a sociedade o fato da vida da igreja ser provida a partir das casas e suas respectivas famílias. Nas grandes cidades, como Roma, por exemplo, o custo da moradia era muito caro. Assim as habitações urbanas eram ocupadas da seguinte forma: Os mais pobres dividiam as casa entre as famílias com cada uma residindo num cômodo da casa. Os de classe média possuíam suas próprias casas e os mais ricos possuíam grandes casas para morar e ainda eram proprietários das casas alugadas aos pobres. Podemos então depreender que quem oferecia hospitalidade para a Igreja eram aqueles que detinham um certo padrão econômico e dispunham de uma casa com espaço suficiente para acolher e reunir outras pessoas.

Terminologia

Paulo sabia como funcionava a Igreja, mesmo antes de sua conversão, pois na sua perseguição ele invadia as casas para arrastar os cristãos para o julgamento.

Paulo constrói a sua teologia emprestando as expressões e conceitos familiares. Usa 119 vezes os termos irmãos e irmãs, expressando o relacionamento básico que deveria haver entre os fiéis. Ele se denomina a si mesmo como pai para as comunidades. Onésimo é seu filho gerado nas prisões; Timóteo lhe é como filho. Vê-se a si mesmo como a mãe grávida para os gálatas, e, se refere à mãe de Rufo como a mãe dele e minha. Da palavra “oikos” – casa, deriva o termo edificar a comunidade, a família na fé e administrador das coisas de Deus, ou sábio arquiteto como construtor de casas. Desta forma verifica-se que os termos utilizados para família e casa são os mesmo que constroem a teologia. Família e igreja estão unidas a partir da raiz. Paulo é apóstolo e pai para suas comunidades que são famílias. A necessidade prática de encontrar lares particulares misturou-se com o entendimento teológico das comunidades cristãs. Paulo viveu essa relação familiar com seus colaboradores e comunidades e queria que eles vivessem o mesmo.

Pessoas destacadas

Na igreja de Corinto, uma cidade de cerca de 600 mil habitantes, dois terço dela composta por escravos, havia uma verticalização bastante acentuada da sociedade, composta por pessoas muito pobres e muito ricas. Quanto à igreja podemos deduzir a sua composição social pelos escritos de Paulo. Este apela para a “abundância” material, para motivá-los a coleta a favor da igreja de Jerusalém (II Cor 8:14). Alie-se a isto a instrução da forma como se deveria ser coletado o dinheiro, separando-o semanalmente. Tal instrução seria desnecessária a uma aristocracia abastada e inútil para uma camada muito pobre. Assim podemos deduzir que se tratava de uma classe média que auferia rendimentos regulares, que poderia arcar com um sistema de prestação para acumular até a chegada do apóstolo. Paulo embora não tenha aceitado ajuda pessoal, dá entender que outros se

beneficiaram da generosidade dos coríntios (I Cor. 9:12-15, II Cor. 11:7-12; 12:13). Seria esta uma oportunidade para que alguns pudessem desejar o poder de patronato? O fato de se ir ao tribunal (I Cor. 6:1-11), era uma prática de poucos comerciantes e fazendeiros, conforme registrado em papiros antigos, que tinham dinheiro para pagar advogados e as custas processuais. Assim deveria ser os proeminentes da Igreja de Corinto, dentre os quais destacamos:

Priscila e Áquila

Paulo encontrou este casal pela primeira vez em Corinto e hospedou-se na casa deles. Eles haviam se retirado de Roma devido ao edito de Cláudio, que expulsou os cristãos de lá. Provavelmente já eram cristãos quando encontraram Paulo. Áquila era da província do Ponto (Costa do Mar Negro) e era fabricante de tendas, o que possibilitou que Paulo se associasse a eles, dando a idéia de um empreendimento comercial e o estabelecimento de uma koinonia além da família individual. Tinham facilidade em adquirir propriedades e estabelecer igrejas, o que nos leva a pensar que eram pessoas prósperas. Depois da partida de Paulo, este casal recebeu Apolo, servindo a casa deles como lugar de catequese. Posteriormente foram responsáveis por igreja doméstica também em Éfeso (I Cor. 16:19) e Roma (Rm. 16:3).

Tício Justo

Paulo mudou-se da casa de Áquila e Priscila para a casa de Tício Justo, um temente a Deus (At.18:7), que era vizinho de uma sinagoga, no centro da cidade, possibilitando mais contato com a comunidade judaica. Possuía condições financeiras para romper com a sociedade e se distinguir como hospedeiro de Paulo e como consequência oferecer sua hospitalidade à igreja.

Crispo

Lucas relata a conversão de Crispo, juntamente com sua família. Ele era o principal da sinagoga – a pessoa que a construía ou que a mantinha cobrindo regularmente as suas despesas de funcionamento. (At.18:8). Foi um dos poucos que Paulo havia batizado. Lucas fala ainda da conversão de outras três famílias: a de Cornélio (At.10:2); a de Lídia, em Filipos (At.16:14-15) e a de Estéfanos. (I Co. 1:16) Todos eles eram pessoas proeminentes na sociedade: o arquiteto-sinagogo, um centurião romano, uma mulher que negociava artigos de luxo e um funcionário civil; que também tornaram igrejas domésticas importantes.

Estéfanas

Estéfanas e sua família também são um dos poucos a serem batizados por Paulo (I Co. 1:16), como os seus primeiros frutos na Acaia e se estabeleceram no serviço aos santos (I Co. 16:15). Já em Éfeso, Paulo esperava ver Estéfanas que havia viajado para lá em companhia de Fortunato e Acaio (familiares, escravos, amigos...?) (I Co. 16:17-18).

Gaio

Morador de Roma, anfitrião de Paulo e da Igreja. (Rm16: 3). Gaio era a terceira pessoa batizada por Paulo (I Co. 1:14). Possivelmente também o hospedeiro de toda a igreja de Corinto (III Jo).

Erasto

Era o tesoureiro da cidade de Corinto. O secretário de Finanças da cidade, o “oikonomoi”. Era uma pessoa rica que podia custear as suas próprias viagens (At. 19:22; II Tm 4:20). Certamente outro líder e outra casa que abrigava a igreja doméstica.

Febe

Diaconisa na Igreja de Cencréia e possível portadora da carta aos Romanos. (Rm 16:1-2). Deveria ser uma patrona ou protetora de Paulo e da Igreja em Cencréia, vizinha de Corinto.

Ainda no capítulo 16 da carta aos romanos, Paulo menciona várias pessoas, sempre se referindo de maneira carinhosa e familiar. É importante notar que Paulo não utiliza títulos honoríficos para distinguir os cristãos, mesmo se tratando de pessoas importantes na sociedade como Erasto ou Filemon, ou mesmos as autoridades da igreja, como Pedro e Tiago. Em nenhum momento o vemos se referindo “ao excelentíssimo apóstolo, bispo ou pastor fulano de tal”.

A Igreja Doméstica Como Base Operacional De Missões

A estratégia missionária de Paulo se iniciou pelas sinagogas, mas demonstrou ser frustrante. A que veio dar resultados, realmente, foi através das famílias, criando bases de operação. (At.16:13-34; 17:2-9; 18:1-11) Assim não surpreende vermos freqüentes menções de conversão e de batismo de famílias inteiras. (I Cor.1:16; At. 10:2; 16:15,33; 18:8). Desta forma a hospitalidade era a chave para a missão e através dela era estabelecida uma rede de trabalho. Assim, vemos Paulo pedindo hospedagem para si e para os seus enviados; recebendo e enviando os seus colaboradores. Jesus

utilizou desta mesma estratégia quando ensinou: “Quando entrardes numa casa, nela permanecei até vos retirardes do lugar” (Mc. 6:10). O próprio Jesus freqüentemente ministrava ensinamentos em casas. (Mc. 2:15; 7:14-27; 9:33...) e também atuou como anfitrião. (Mc. 2:1; 6:34-44; 8:1-10;...).

A Expansão Da Igreja Doméstica Na Localidade

(a formação de comunidades e a origem da igreja local, o episcopado).

Vemos então que a igreja doméstica se estabelecia na família e com ela se confundia. A ampliação deste círculo da igreja fazia com que outras pessoas passassem a fazer parte da igreja doméstica e com isso ela ia ganhando característica de uma comunidade. Ou seja, outras pessoas ou famílias iam se agregando à família inicial. Depois disso é natural que outras igrejas domésticas surgissem na mesma localidade e, novamente esse ciclo se repetia com novas famílias ou pessoas se agregando à nova igreja doméstica e formando novas comunidades. Com a reunião dessas comunidades dava-se a Igreja local. Esta era uma assembléia semelhante a outras existentes para finalidades diversas e se abrigava na casa de um anfitrião que recebia a assembléia em sua residência. Numa linguagem atual, as cidades daquela época também se organizavam em assembléias à semelhanças das reuniões de condomínios hoje conhecidos - os moradores de um determinado residencial ou edifício que se reúnem para tomar as decisões que dizem respeito às condições do lugar. Essas assembléias aconteciam ou se extinguíam na medida da participação dos interessados. Assim também era a Igreja local que não era uma instituição, mas antes uma atividade. Havia pelo menos três motivos que justificavam a reunião de uma assembléia local: disciplina, celebração da ceia do Senhor e para a prática dos dons.

A liderança da igreja local era exercida pelo bispo ou conselho de anciãos. Os critérios para se nomear essa liderança eram os domésticos, conforme vemos em I Tm 3:1-14. Aqueles que se destacavam na igreja doméstica estavam se qualificando para ser autoridade na igreja local. A igreja doméstica era, portanto, a base da igreja local. Sem igreja doméstica não podia haver igreja local. Mas a igreja doméstica podia existir mesmo que não houvesse igreja local. A Igreja doméstica era o grande celeiro de formação de obreiros. Novamente recorremos ao próprio Timóteo para exemplificar isso. Ele havia herdado a fé de sua avó Loide e de sua mãe Eunice. Não é difícil imaginar a cena do jovem Timóteo deixando a sua casa e despedindo-se de seus parentes para acompanhar Paulo em suas missões. Jesus escolheu irmãos para o colégio apostólico, como o caso de André e Pedro, Tiago e João. Barnabé era primo, ou tio de Marcos. Tiago, um dos líderes da igreja de Jerusalém, era irmã ou primo, do próprio Jesus. Antes disso, Maria e Izabel eram parentes e foram escolhidas para serem mãe de Jesus e de João Batista, respectivamente.

A Transformação Da Igreja Doméstica

(a prevalência da comunidade sobre a família, o prenúncio da vida social em ascensão sobre a vida espiritual).

Na segunda metade do século II, os cristãos começaram a dedicar seus lares às assembleias da igreja. Assim, os edifícios deixavam de ser residências e realizavam-se mudanças nas estruturas das casas, especialmente a ampliação da sala de jantar para proporcionar um espaço maior à assembleia. Embora parecendo casas, os edifícios deixavam de ser residência para funcionar como igreja.

Neste momento percebe-se uma nítida ruptura em que a base da igreja se transfere da família para a comunidade. O local da comunidade passa a ser o centro das atividades da igreja e já se começa a identificar a igreja com um determinado edifício. Nas pesquisas arqueológicas realizadas não se encontram templos com a arquitetura própria datadas dessa época, pois os mesmos não existiam. Eram simplesmente residências que foram adaptadas para atender a comunidade.

Este também foi o caminho que as outras associações referidas anteriormente haviam tomado. Exemplo muito marcante são as sinagogas. Até hoje elas são construídas seguindo a arquitetura local e da época onde se instalam, diferentemente dos demais templos religiosos.

A Institucionalização Da Igreja

(a profissionalização do clero)

A prevalência dos valores da comunidade sobre os valores familiares gerou como consequência a estruturação da comunidade e sua profissionalização. Depois da instalação em um edifício sede, o passo seguinte foi que a comunidade, como instituição passou a contar, entre outras coisas com funcionários. Aqui começa a surgir o clero profissional e dá origem a duas classes de cristãos: o clero e o leigo. O poder do clero é cada vez maior, pois os homens lhe deram a autorização para representá-los diante de Deus e, depois vão perceber que estão dependentes desta intermediação. E mais, o clero passou a ser o representante de Deus junto aos homens. Por isso era duplamente temido. Desta forma, a Igreja passou a ser uma instituição mais forte que o Estado e agora podia fazer frente a ele. Se o Estado tinha o poder militar da espada, o clero tinha o poder sobre as almas dos cidadãos, incluindo as dos poderosos.

É irônico o fato de que várias igrejas foram construídas sobre os escombros de residências que haviam sido reformadas e adaptadas para o uso da comunidade. A arqueologia tem, então, testemunhado as três fases da Igreja: A Igreja Doméstica, A Igreja Comunitária e a Igreja Basílica. Uma se sobrepondo a outra, numa falsa evolução.

A Associação Das Instituições: Igreja E Estado

(o cristianismo sem Cristo)

Não é difícil imaginar que a tensão entre Igreja e Estado acabaria redundando numa bela síntese entre ambos. Um passou a colaborar com o outro. A espada passou a servir os interesses do clero e, este por sua vez, serviria os interesses políticos. O Imperador Constantino foi o grande articulador desta união, deixando para seu sucessor a tarefa de fazer do cristianismo a religião oficial do império. O império romano havia globalizado politicamente, através do poderio militar, o mundo da época. O império tinha uma cultura e uma língua universal, grego e latim. Da mesma forma, o cristianismo também com seu caráter universal se encaixou como uma luva às necessidades imperiais.

Não é de se estranhar que a adoração a outros deuses foi forçosa e sutilmente substituída por outros valores cristãos, tais como calendário, dias de festas, etc. O Império tomava conta da vida militar e política e a igreja da vida civil. Quem se batizasse ganhava do Imperador, além da roupa de batismo, também uma diária. Algo semelhante como a lei de doação de sangue em nosso país.

Interessante notar que Santa Helena, a mãe de Constantino, passa a ser a principal patrona da construção de templos cristãos. Ora, a religião oficial do Império não poderia se mostrar inferior as outras. Deveria ter ostentação para atrair. E, logicamente, o clero com tal poder deveria ter palácios semelhantes aos dos reis. Com o controle da vida civil, desapareceu a comunidade e em seu lugar ficou a vida social com seus ritos e pompas, que substituíram o culto e os sacramentos originais. Não havia, portanto, mais lugar para a simplicidade.

O clero se elitizou a tal ponto que “confiscou” a literatura cristã e a cultura de modo geral do povo. Com isso mantinha-o fora do poder.

A Espiritualidade No Deserto

(o retorno à simplicidade solitária e comunitária)

No período em que a Igreja inicia sua aproximação com o Estado, surge um movimento, especialmente no Egito, de pessoas inconformadas com os rumos da Igreja e partem para uma vida solitária no deserto em busca de espiritualidade. Entendem eles que se o mundo não é mais inimigo da igreja, é sinal de que esta não está cumprindo sua missão. Ou seja, ela se conformou com o mundo. Assim é a vida de Santo Antão, que após receber a herança decorrente do falecimento de seus pais, ouve para vender tudo e seguir a Jesus. É o que ele faz: vendo toda a herança, dá a metade a sua irmã e divide a outra metade aos pobres e segue para uma vida solitária no deserto. Lá, enfrenta os demônios que querem fazê-lo desistir ou amedrontá-lo. Sua alimentação é basicamente pão e água. Outras pessoas seguem para aprender com este e outros ermitões e, logo surgem os mosteiros,

comunidades aplicadas à vida da mais absoluta simplicidade. Era um contraponto à igreja que se institucionalizara.

Conclusão

O preço pago pelo desvio do padrão original.

As Divisões

Uma das conseqüências mais desastrosa para esse rumo que a igreja tomou foi a sua desunião e quebra da unidade. A primeira grande divisão da Igreja se deu após um período de cerca de 200 anos de discussão e culminou, após o primeiro milênio de sua existência com a divisão entre Orientais – Constantinopla e Ocidentais – Roma. Cerca de quinhentos anos depois, várias divisões seguiram com o movimento da Reforma Protestante, da qual nasceram várias igrejas nacionais, apoiadas pelos seus respectivos reinos interessados em livrar-se do julgo romano. Outras divisões também surgiram nos quinhentos anos seguintes, motivadas pelo descobrimento e colonização de novas terras e escravatura. Aqui se dividia a igreja estrangeira dos imigrantes da igreja dos nativos, a igreja dos brancos e a dos escravos. Acentua-se tais divisões através dos movimentos de avivamentos que fortaleceram as missões e deram origem às igrejas transnacionais. Nada, porém, se compara com o desencadeamento de novas divisões após o surgimento do movimento pentecostal no início do século XX.

Interessante observar que as divisões sempre sucederam as boas conquistas para a igreja, ou como diríamos atualmente, as bênçãos ligadas à liberdade religiosa. Parece até que o povo de Deus não sabe lidar com a liberdade. Foi assim com a reforma protestante – liberdade de pensamento -, com o movimento missionário – liberdade de ir e vir além das fronteiras -, especialmente, com o movimento pentecostal – liberdade do Espírito.

As conseqüências dessas divisões foram as mais desastrosas possíveis chegando ao absurdo de gerar perseguições de cristão contra cristão, que sob a acusação de heresia foram condenados à morte. Não apenas entre católicos e protestantes, mas também católicos contra católicos e protestantes contra protestantes. Neste último é famoso o caso de Miguel de Cervet que, devido a uma discussão teológica acerca do sangue de Jesus foi preso e condenado à fogueira pelo papa. Fugiu da prisão e o Tribunal da Inquisição executou simbolicamente a sentença queimando uma imagem sua feita de cera. Cansado de viver foragido ele resolveu se encontrar com Calvino, que também o perseguia pelas mesmas razões, na esperança de reconciliação. O que aconteceu foi exatamente o contrário. Sob ordens de Calvino, foi detido e executado. Nessa ocasião deixou a célebre frase: “Matar um homem para defender uma doutrina, não é defender uma doutrina, é matar um homem”.

Igualmente, muitos anabatistas e puritanos foram condenados e executados pelos protestantes em nome da defesa de sua fé.

O Custo Financeiro

A manutenção de uma estrutura eclesiástica tem um custo elevado e proporcional ao seu tamanho, com pagamento de aluguéis, aquisição de imóveis e outros bens, construção civil, contratações e folha de pagamento. Além disso, desmotiva o trabalho voluntário, pois de um lado há aqueles que preferem pagar para que outros façam e, de outro lado, há aqueles que acham que quem é pago é que tem a obrigação de fazer e ambos não se envolvem diretamente. A profissionalização da fé se sobrepõe ao voluntariado, criando-se, inclusive uma carreira profissional.

Segundo depoimento do Pastor Jame Nobre, de Jundiá – SP, hoje em dia há três fatores que estão muito presentes nas rodas de conversas entre os pastores: O tamanho do templo, a quantidade de membros e o saldo da conta bancária. Cada um faz seu balanço de como encontrou a igreja e qual evolução apresentou como marca de seu sucesso à frente dela. Mais parece uma conversa entre empresários. Se no entanto colocarmos esses três fatores para medir o sucesso de Jesus, ficaremos decepcionados. Ele não construiu nenhum edifício; nada do que usava era dele mesmo. Se medirmos a quantidade de seus seguidores no momento final, o da cruz, poucos sobraram. Quanto à administração financeira, escolheu um ladrão para tesoureiro. Sob este ponto de vista, alguém está com o fracasso; ou Jesus, ou os pastores atuais.

O mais grave é que, além de um encargo pesado, o dinheiro não é investido na finalidade principal da igreja mas, sim, na sua automanutenção, para sustentação da estrutura criada.

O Orgulho Social

Ao demonstrar à sociedade o seu poder temporal através de seu patrimônio, estimula-se o orgulho de se pertencer a tal denominação como um sinal de sucesso. É um processo semelhante ao de se torcer pelo melhor time de futebol, de se morar na melhor cidade, no melhor bairro, na melhor casa. De se ter o melhor emprego, o melhor carro e cursar a melhor faculdade. São atributos de uma sociedade que jaz no maligno e que se inserem dentro da igreja. Daí o cristão ter orgulho de pertencer à determinada denominação: “graças te dou, Senhor, por não ser como esses pecadores; dou o meu dízimo, jejuo...”. Estes fatos também propiciam uma luta interna pelo poder, pois muitos querem ser proeminentes numa instituição tão poderosa. Não poucas vezes essa disputa pelo poder leva à divisão, com grupos disputando nos tribunais o patrimônio administrado. Portanto, se não houvesse tal estrutura e patrimônio, muitas das divisões não ocorreriam, já que não haveria o que dividir.

A Concorrência

A cooperação é substituída pela concorrência. Nesse campo de disputa o maior quer engolir o menor. É muito comum uma denominação poderosa invadir os lares dos cristãos de outras denominações apresentando “testemunhos” de pessoas que, embora cristãs, nunca tiveram nada na vida e, depois que se transferiram para a atual denominação experimentaram a prosperidade e acumulam um patrimônio de imóvel, carro, telefone e outros confortos capitalistas.

Análise Final

(Babilônia e Jerusalém)

Duas cidades protagonizam a preferência de Deus. Deus não é indiferente diante delas: Babilônia, a grande Meretriz e Jerusalém, a Cidade da Paz. A primeira teve sua origem em Babel, construída de tijolos fabricados pelo homem, de baixo para cima com o intuito de alcançar o céu através das próprias forças, trabalho e mérito humano. A segunda é a construída de pedras preciosas e metais feitos por Deus na natureza e não fabricado pelo homem, desce vinda do céu. Representa todo o feito e a glória de Deus.

Muito se tem falado sobre a grande Babilônia referida no Apocalipse. Como católico já ouvi muitas vezes o insulto de que somente a igreja católica seria a grande Babilônia e, portanto, “sai dela povo meu...”, acrescentando “e venha para a minha igreja (denominação)”. Tais pessoas vêm um só tipo de idolatria – a que existe na Igreja católica. Não é a intenção de isentar a Igreja Católica dos inúmeros erros que ela comete, mas ao concentrar os erros nela, termina-se por isentar ou minimizar os erros das outras denominações. Com isso esquece-se que o “amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (I Tim 6:10) e que há outros tipos de idolatria, mais sutis e refinados, mas que são idolatria igualmente. Todas as igrejas assentadas sobre estruturas humanas estão igualmente erradas, a partir da base sectarista.

Interessante notar que o desvio da igreja da sua forma original não se deu de uma forma abrupta. Pelo contrário, demorou cerca de 150 anos para ela deixar de ser uma igreja doméstica e adotar o espaço comunitário de uma ex-residência para as suas atividades. Depois disso, demorou mais de 150 anos, novamente, para iniciar a construção das basílicas. As concessões para se adaptar ao sistema do mundo foram lentas, mas apontavam nesta direção.

Tendo o deslocamento do lar para o espaço comunitário – dedicado e deste para o templo como um ícone da história, a igreja apresentou um falso desenvolvimento. Com isso, na verdade separou a família da igreja e a igreja da família. Num primeiro momento os valores comunitários começaram a se sobrepor aos valores familiares. A favor do serviço comunitário, o celibato passou a ser mais valorizado do que o casamento, conforme recomendava Paulo a Timóteo. (I Tim 3:04). Antes era o pai de família que ia ser pai de uma comunidade. Era como que se sua família ampliasse e ele

deveria usar da mesma amorosidade com que tratava os seus para agir também com os da comunidade. Ao inverter esse papel, o pastor da comunidade voltou para sua casa para ser pastor de sua esposa e filhos. No entanto, não lhes dedica a mesma paciência e atenção que dá para a comunidade. Oferece-lhes o que sobra, mas na maioria das vezes requer da família a atenção e as honras eclesiásticas. Quer se manter no pedestal do lar. Antes o pai se tornava pastor, depois o pastor passou a ser pai.

No momento seguinte, quando a igreja se deslocou para o templo, ela ganhou status social e, por conseqüência, os valores sociais passaram a se impor aos valores comunitários e também aos familiares. Daí haver a inversão total. As simples e humildes cerimônias realizadas dentro das casas ganharam o esplendor de super produções de espetáculos teatrais, como o casamento, o batismo e outras festas. No princípio, a igreja doméstica é que colocava seus valores para a sociedade, com elevado padrão ético. Hoje é a sociedade que impõe seus valores morais à igreja. Não podia ser diferente a degradação cada mais intensa que experimentamos. O casamento deixou de ser indissolúvel, a união conjugal entre pessoas do mesmo sexo passou a ser aceito, pequenos vícios são tolerados, a competição capitalista atingiu também a igreja com os seus índices de sucesso.

A igreja se prostitui a tal ponto que hoje a sociedade se acha no direito de lhe cobrar uma conduta moral mais rigorosa, ao expor as suas mazelas. Exemplo disso é o que assistimos constantemente sobre escândalos financeiros, exploração da fé pública e denúncias de pedofilia. A sociedade prostitui a igreja e agora atira a vergonha em seu rosto.

Nossa Atitude

(postura de intercessor)

A qualidade essencial de um intercessor é a de fazer parte do grupo pelo qual intercede, sem se excluir dele. Essa foi a atitude de Abraão, diante da eminente destruição de Sodoma e Gomorra: "... mas se houver justos lá, tu os destruiria junto com os ímpios?" (Gn.18 :22...). Moisés recebeu, num momento de ira de Deus, a proposta de assumir o lugar de Abraão. Deus queria destruir aquele povo e fazer nascer outro de Moisés. Moisés, porém, se colocou como um desse povo ao interceder: "salva este povo ou risca meu nome do livro que tens escrito"(Ex. 32:32). Deus o ouviu. Deus também revela que Ele mesmo procurou "dentre os homens alguém que se colocasse na brecha, a favor do povo" (Ez 22:30). Assim agiu Daniel em sua intercessão. Ele nos dá uma grande lição de como sairmos da Babilônia. Quando lhe foi revelado, através da leitura do profeta Jeremias que o cativo babilônico seria de setenta anos e que estava por findar-se, ele começou a interceder. Ele reconhece o pecado dos pais, dos príncipes e dos sacerdotes que causaram o cativo. Embora ele tenha tido uma atitude de retidão diante de Deus, ele não se exclui do povo ao dizer "pecamos... a nós pertence o corar de vergonha" (Dn. 9).

Também podemos nos mirar no exemplo de Jeremias, que enfrentou toda a rebeldia do povo e ainda orou: “Converte-nos a ti e seremos convertidos” (Lm.5:21)

Assim devemos ser, também, ao orarmos pela igreja. Ela está cheia de erros, de idolatria, de orgulho, se misturou com o sistema do mundo, mas é a igreja que temos. É nela que o Espírito Santo tem atuado, salvando, curando e batizando e dando dons e nós estamos dentro dela para interceder por ela e não para julgá-la, eximindo-se simplesmente como se não tivéssemos nenhuma responsabilidade, à semelhança dos farizeus: “graças te dou, Senhor, por não ser como um deles...”.

O próprio Jesus se tornou como um de nós para interceder por nós.

Mais importante do que termos a forma da igreja do Novo Testamento, precisamos, primeiramente, sermos homens do Novo Testamento. (Bob Munford).

Referência Bibliográfica

- A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo
Vicent Branick – Editora Paulus 1994
 - A Igreja do Século XX – A história que não foi contada
John Walker & Outros – Fundamentos Comercial e Editora Ltda – 1996
 - Operários da Primeira Hora (Perfis dos Padres da Igreja)
Silvano Cola – Editora Cidade Nova – 1987
 - Padres do Deserto – Homens Embriagados de Deus
Jacques Lacarrière – Edições Loyola 1996
 - Mártires do Coliseu Romano
Emma Leslie – Associação Evangélica Escola Bíblica do Ar - 1980
 - Raízes da Restauração
C. Leonard Allen & Richard T Hughes – Editora Vida Cristã - 1998
- Bíblia Sagrada. Destacamos alguns poucos versículos somente como amostra da intensa atividade dos primeiros cristãos em torno da casa e da família:

(Mateus 10:12-14) - E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a; E, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés.

(Atos 10:22) - E eles disseram: Cornélio, o centurião, homem justo e temente a Deus, e que tem bom testemunho de toda a nação dos judeus, foi avisado por um santo anjo para que te chamasse a sua casa, e ouvisse as tuas palavras.

(Atos 16:15) - E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso.

(Atos 16:32) - E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa.

(Atos 2:1-2) - E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

(Atos 2:46) - E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração.

(Atos 5:42) - E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo.

(Atos 8:3) - E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.

(Atos 9:11) - E disse-lhe o Senhor: Levantate, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando;

(Atos 12:12) - E, considerando ele nisto, foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos estavam reunidos e oravam.

(Atos 16:40) - E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram.

(Atos 18:7) - E, saindo dali, entrou em casa de um homem chamado Tício Justo, que servia a Deus, e cuja casa estava junto da sinagoga.

(Atos 20:20) - Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e pelos casas.

(Atos 21:8) - E no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesaréia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele.

(Romanos 16:5) - Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Acaia em Cristo.

(1 Coríntios 16:19) - As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetosamente no Senhor Áqüila e Priscila, com a igreja que está em sua casa.

(Colossenses 4:15) - Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia e a Ninfa e à igreja que está em sua casa.

(Filemom 1:2) - E à nossa amada Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, e à igreja que está em tua casa.

(2 João 1:10) - Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis.